



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Crescimento da China, custos humanos e impacto nos EUA

Um dos temas mais importantes e cruciais do mundo moderno é, sem dúvida, o vertiginoso crescimento da China, com altos custos humanos envolvidos e de como isso impacta fortemente os Estados Unidos da América. A competição ferrenha entre os gigantes mundiais, a busca de liderança e uma Guerra Fria iminente são tópicos que merecem atenção por parte de todos.

A *todo vapor - Tecnologia e poder na China e a disputa com os Estados Unidos* (Editora Intrínseca, 220 pág, R\$ 79,90), de Dan Wang, experiente pesquisador no Hoover History Lab, na Universidade de Stanford, é uma fascinante investigação em primeira mão do crescimento chinês. Wang integrou o Paul Tsai China Center, da Faculdade de Direito da Yale e foi analista de tecnologia da Gavekal Dragonomics. Ele é autor de um relatório anual sobre o China e publicou ensaios no The New York Times e outros grandes veículos.

O livro foi considerado pela The New Yorker, Financial Times e NPR como um dos melhores livros de 2025. Wang, especialista em tecnologia com faro jornalístico, no dizer da The New Yorker, usa exemplos da inovação chinesa para mostrar como os caminhos divergentes e as patologias desses dois países podem ser explicados por suas respectivas culturais políticas.

Wang, ao analisar a polarização crescente entre as duas potências, reflete sobre política, economia e filosofia e mostra que a China foi impulsionada por um crescimento vertiginoso, porém caótico, e que apresenta fragilidades em termos sociais. A China se tornou o “estado da engenharia”, das ferrovias reluzentes e mega projetos - os Estados Unidos, sociedade legalista que recusa mudanças, estagnaram.

Estudando os dois titãs mundiais, Wang, além de apontar semelhanças espantosas entre eles,



ênfata como eles podem aprender um com o outro e remodelar a política internacional.

Wang mostra justamente a elite americana composta sobretudo de advogados, especialistas em obstrução, e a classe tecnocrática chinesa, composta principalmente de engenheiros, e essa é a grande ideia do livro.

e palavras...

O PEQUENO PRÍNCIPE EM NOVA EDIÇÃO

A gente deve ler os clássicos porque são atemporais, trazem questões humanas eternas, visões de mundo ampliadas e para fortalecer nossa base cultural. Li *O pequeno príncipe* pela primeira vez em francês, indicado pela professora Zilda, no Julinho, em 1970. Ao mesmo tempo que nos ensinava a língua, aquela mestra de elegância séria nos presenteou com um livro desses que mudam as pessoas e o mundo.

Já adulto, na meia idade, reli o clássico de Antoine de Saint-Exupéry, com outros olhos e com outras percepções, mas com o mesmo ou maior encantamento. Agora na “melhor idade”, aos 72, tresli o livro que foi traduzido para mais de 250 idiomas, um dos mais publicados no mundo e que desde 1943 seduz leitores de todas as idades em diferentes países do mundo.

O pequeno príncipe (L&PM Editores, 96 pág, R\$ 59,90, tradução de Ivone C. Benedetti) recebeu uma nova edição, com lindas capa e ilustrações de Maria Hesse, premiada ilustradora e escritora espanhola. Desde a capa e a primeira página o grande clássico da literatura para crianças, jovens e adultos, com a empolgante e moderna releitura dos desenhos originais do autor, envolve o leitor e revela a perenidade e a atualidade dos temas da obra.

Saint-Exupéry (1900-1944) foi piloto comercial e militar, desapareceu durante um voo de reconhecimento sobre o Mediterrâneo, viveu nos Estados Unidos desde 1940 e escreveu *Terra dos homens*,

Piloto de Guerra e *Voo Noturno*, entre outros livros. Maria Hesse foi considerada pela conceituada editora alemã Taschen entre os cem melhores ilustradores do mundo e publicou pela L&PM *Frida Kahlo: uma biografia* (best-seller internacional), *David Bowie: uma biografia* e *O prazer*.

Num mundo que atualmente conta com mais de cinquenta guerras, imerso em narcisismos, informações e agressões demasiados e diários, um livro como *O pequeno príncipe* deveria estar em todas as casas, escolas e bibliotecas. A história inusitada do piloto perdido no Saara que, ao acordar, depara com um garotinho loiro que lhe pede que desenhe uma ovelha para ele é o início de uma fábula altamente poderosa e comovente que fala de vida, amizade, vaidade, simplicidade, amor, natureza, beleza, flores, dinheiro, riqueza e de como o mundo se ressentia da falta de diálogo verdadeiro, atenção, paz, solidariedade e seres humanos dignos deste nome.

O livro, acima de tudo, revela que além do amor, o mais importante na vida são os sonhos, atitudes e olhares puros de criança, que muitas vezes deixamos para trás, pensando que somos adultos ‘sérios’ e preocupados somente com ‘coisas importantes’.

Com prosa muito mais que poética, o príncipezinho, com sabedoria e ternura sem igual, mostra que a vida pode ser diferente, mais ligada no que é realmente importante e mais próxima do coração e das essências que são invisíveis para os olhos.

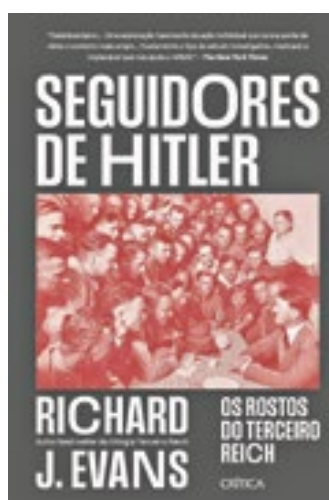
Lançamentos



► **A mulher que ouvia os quadros** (Casa de Astérion, 112 pág), romance de estreia da escritora Chris Cidade Dias, apresentado por Lu Thomé, narra com talento a história de um pequeno broche com figura de pássaro que leva Clarissa do Brasil a Toledo, na Espanha. A viagem inicia com um impulso e acaba na prisão. Romance de introspecção e autodescoberta, e que demonstra que um quadro pode ser muito mais do que uma imagem.



► **Na beirada** (Rocco, 288 pág, R\$ 55,00), romance de Bruna Maia, cartunista, jornalista e escritora, autora de *Com todo o meu rancor*, evoca o mito de Cassandra (aquela que os outros não enxergam) e constrói um thriller singular conduzido por uma protagonista solitária, introspectiva e emocionalmente instável. Sua vida rotineira muda depois do assassinato brutal nas manchetes e a vontade de ser policial. Dissociação, ansiedade e violência surgem.



► **Seguidores de Hitler** (Crítica- Editora Planeta, 672 pág, R\$ 130,00), de Richard J. Evans, autor do best-seller *Trilogia do Reich* e grande especialista em Alemanha moderna, é um grande estudo biográfico do círculo íntimo de Hitler que mostra uma nova maneira de enxergar os horrores nazistas. A obra mostra os rostos do Terceiro Reich e uma visão mais realista, com os seguidores de Hitler vistos como seres humanos perturbadamente semelhantes a nós.

A propósito

No seu fundamental livro *Por que ler os clássicos*, o gigante escritor italiano Italo Calvino dedica ensaios específicos a Balzac, Borges, Mark Twain, Flaubert, Homero, Diderot e Tolstói e define os clássicos como obras que nunca terminam, que são os livros relidos para novas

descobertas e que dialogam com o passado e o presente e com o inconsciente coletivo ou individual. É bem o caso de *O pequeno príncipe*, livro inesgotável na capacidade de mostrar nossas grandezas e dificuldades humanas ao longo dos tempos.

(Jaime Cimenti)